

**RELIGIÃO E NEGAÇÃO DA MODERNIDADE: A LEITURA
FUNDAMENTALISTA DA BÍBLIA NAS REVISTAS DE ESCOLA BÍBLICA
DOMINICAL DA ASSEMBLÉIA DE DEUS***

Bertone de Oliveira Sousa**

RESUMO: Este artigo investiga as peculiaridades da leitura da Bíblia realizada pelos redatores das revistas de Escola Bíblica Dominical da Assembléia de Deus no Brasil, tendo como ponto de partida a ortodoxia doutrinária professada pela igreja e o fundamentalismo religioso presente em suas representações. Para isso, faz uma breve historicização da igreja, bem como uma problematização do conceito de fundamentalismo, para depois analisar-se as revistas de faixa etária de jovens e adultos da editora CPAD, privilegiando-se as que abordam temas relacionados a questões sociais como secularismo, humanismo, aborto, eutanásia, divórcio, evolucionismo, ateísmo, homossexualismo, entre outros. Investiga-se também como essa leitura se contrapõe a uma concepção histórico-crítica da Bíblia e a aspectos da modernidade que a instituição sente ameaçarem sua integridade doutrinária. Este texto situa-se no marco teórico da História Cultural a fim de apreender as características das representações sociais produzidas pelo grupo religioso aqui estudado.

Palavras-chaves: Assembléia de Deus, Modernidade, Fundamentalismo.

**DENIAL OF RELIGION AND MODERNITY: A FUNDAMENTALIST READING OF
THE BIBLE IN SUNDAY SCHOOL REVIEWS OF THE ASSEMBLY OF GOD**

ABSTRACT: This paper investigates the peculiarities of the reading of the Bible held by the editors of the journals of Sunday school of the Assembly of God in Brazil, taking as a starting point to doctrinal orthodoxy professed by the church and religious fundamentalism present in their representations. For this, a brief history into the church as well as a questioning of the concept of fundamentalism, and then examine whether the searches of aged and young adult publishing CPAD, focusing on addressing the issues related to social issues like secularism, humanism, abortion, euthanasia, divorce, evolution, atheism, homosexuality, among others. It also investigates how this reading is opposed to a conception of historical-critical Bible and aspects of modernity that the institution feels threaten their integrity of doctrine. This text is located in the theoretical framework of cultural history in order to grasp the characteristics of social representations produced by the religious group in this study.

Key-words: Assembly of God, Modernity, Fundamentalism.

1. Introdução

Este artigo investiga a leitura da Bíblia operada pela Assembléia de Deus no Brasil a partir da análise das revistas de Escola Bíblica Dominical, de jovens e adultos,

* Este texto é parte integrante da dissertação de mestrado defendida por este autor ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás em fevereiro de 2010, cujo título é “Uma Perspectiva Histórica sobre Construções de Identidades Religiosas: a Assembleia de Deus em Imperatriz-MA (1986-2006)”, sob a orientação da Profa. Dra. Libertad Borges Bittencourt

** Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: bertonesousa@hotmail.com

publicadas pela CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) e relacionadas a questões sociais e dizem revelam um confronto de visões de mundo entre esta instituição e aspectos da modernidade, tais como aborto, eutanásia, ecumenismo, divórcio, ateísmo, secularismo, evolucionismo, etc.

Parte-se de um breve relato de sua história e as características da identidade religiosa e representações sociais que desenvolveu ao longo de seus quase cem anos de atuação no Brasil. Analisa-se como as revistas de EBD (Escola Bíblica Dominical) repassam aos fiéis uma leitura pronta e acabada da Bíblia, bem como a absorção do fundamentalismo pela Assembleia de Deus e sua oposição a uma concepção histórico-crítica da Bíblia e ao secularismo. Algumas citações também foram retiradas do site oficial da CGADB, para complementar a análise de questões que não foram encontradas nas revistas.

Este artigo situa-se no marco teórico da história cultural, a fim de melhor compreender o processo de produção de significados e representações de mundo da instituição religiosa aqui estudada.

2. A trajetória da Assembléia de Deus no Brasil e suas representações sociais

A Assembléia de Deus chegou ao Brasil em 1911, fundada em Belém do Pará por dois missionários suecos que vieram dos Estados Unidos, Daniel Högberg e Gunnar Adolf Vingren. Os dois missionários inicialmente freqüentaram a igreja Batista, de onde foram expulsos porque tentaram incluir o pentecostes¹ em sua liturgia. Devido a seu caráter proselitista, o movimento se expandiu rapidamente; em 1920 a AD (Assembléia de Deus) já havia se estabelecido em oito Estados do Brasil (DREHER, 2006, p. 193).

No início da década de 1960 já era considerada a maior igreja protestante da América Latina, com quase um milhão de adeptos e uma taxa de crescimento de 15% ao ano (FRESTON, 1994, p. 71). Essa expansão foi acompanhada da fundação de suas Escolas Bíblicas (momentos de treinamento dos pastores), uma editora própria e um jornal, “O Mensageiro da Paz”. A CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) foi criada em 1940 e ainda é o principal instrumento de formação teológica de seus

¹ O pentecostalismo é um movimento religioso que surgiu em 1906 nos Estados Unidos, quando William Seymour, negro e filho de ex-escravos abriu uma congregação na Rua Azusa Street em Los Angeles, onde enfatizava a glossolalia e a experiência religiosa conhecida como Batismo com o Espírito Santo. Posteriormente, o movimento se dividiu dando origem a várias denominações, entre elas a Assembleia de Deus (FRESTON, 1994).

seminários; o primeiro destes seminários foi fundado em 1959. A CPAD também publica as revistas de Escola Bíblica Dominical da AD, bem como livros que vão desde tratados teológicos até auto-ajuda evangélicos.

A resistência ao intelectualismo foi muito forte nas primeiras décadas da AD no Brasil, por isso a demora na fundação de seminários. Antes disso, a igreja realizava cursos de aperfeiçoamento de seus pastores que duravam, em média, um mês, e era chamada “Escola Bíblica de Obreiros”, cuja grade curricular era constituída pelas seguintes disciplinas: Doutrina Bíblica, História da Igreja e Noções de Língua Portuguesa (CPAD, 2004, p. 125-126). A rejeição ao intelectualismo era um empecilho à qualificação de seus pastores que, inclusive, eram desestimulados a prepararem sermões e fazerem anotações, pois não deviam ficar presos a “um programa humano”, mas dar “liberdade plena ao Espírito Santo” (CPAD, 2004, p. 104).

A questão doutrinária começou a se tornar preocupante a partir da Convenção de 1932; no ano seguinte, deliberou-se pela não-aceitação de determinados ritos e credos de outras instituições religiosas, tidas como seitas e heresias. As Convenções realizadas entre 1932 e 1948 tiveram como principal líder Samuel Nyström, responsável pelo direcionamento doutrinário da instituição e pela imposição da rejeição a outros credos². Nyström teve uma participação decisiva na formação e caracterização da AD no Brasil³, pois a comandava desde o início das Convenções Gerais em 1930. Os cursos bíblicos eram geralmente ministrados por ele. Nyström consolidou o rigorismo doutrinário da AD e conduziu a formação teológica de seus quadros eclesiásticos quando a instituição ainda não possuía seminários.

O crescimento da AD pelas décadas seguintes e as mudanças sócio-culturais pelas quais a sociedade brasileira passou no decorrer do século XX levaram sua liderança a delinear uma forma específica de tratar questões pertinentes à modernidade, tais como: ecumenismo, divórcio, homossexualismo e casamento gay, aborto, eutanásia, secularismo, humanismo, ateísmo, feminismo, contestação do modelo patriarcal de

² A primeira Escola Bíblica realizada pela AD, um curso de treinamento de pastores e outros líderes, aconteceu em 1922. Os estudos foram ministrados por Samuel Nyström.

³ Acerca dessa questão, os anais da CGADB pontuam: “Nessa época, o missionário Samuel Nyström já era considerado por muitos o maior ensinador das Assembléias de Deus. Durante a década de 40, em quase todos os anos, Nyström esteve ministrando em todas as grandes escolas bíblicas de obreiros do país. A pedido dos obreiros, uma de suas séries de estudos ministrada nesse período acabou virando livro: *Jesus Cristo, nossa Glória* (CPAD). Alguns dos temas dos estudos de Samuel Nyström nos anos 40 eram a inspiração e a infalibilidade das Escrituras, as dispensações, os efeitos das obras de Cristo, o Corpo de Cristo e doutrinas bíblicas fundamentais” (CPAD, 2004, p. 153).

organização familiar, etc. Todos eles são fortemente combatidos pela retórica assembleiana.

Ao ver-se como portadora da mensagem da salvação, sem a qual o restante encontra-se perdido, a Assembléia de Deus nega a alteridade, a pluralidade e a diferença. Nesse sentido, se evidencia pelo fechamento e pela resistência em dialogar com outras religiosidades, embora reconheça que não deve olvidar completamente de outras igrejas protestantes. Seu posicionamento sobre essa relação e sobre o ecumenismo pode ser sintetizado na seguinte concepção:

A atitude das Assembléias de Deus para com outras igrejas evangélicas não pode ser de indiferença. Elas têm se colocado contra o Movimento Ecumênico e a Convenção Geral das Assembléias de Deus, em 1963, declarou: “O ecumenismo representado pelo conselho ecumênico das igrejas e pelo Concílio Vaticano tem uma tendência à apostasia. Uma comunhão de igrejas que ‘abertamente praticam o culto aos ídolos’ e crêem na justificação pelas boas obras (Igreja Católica Romana), que negam a divindade de Jesus Cristo ou seu nascimento virginal, a necessidade do novo nascimento, a ressurreição e o retorno de Cristo (Conselho Mundial de Igrejas), é uma coisa impossível para os pentecostais. Os protestantes do Conselho Mundial de Igrejas traíram aqueles que morreram como mártires da fé”.⁴

Em outro texto, (CPAD, Lições Bíblicas, Jovens e adultos, 2º trimestre de 2002, p. 66-67), a convenção explica sua opinião acerca do Conselho Mundial de Igrejas:

O Conselho Mundial de Igrejas – CMI – foi criado em 1948 na cidade de Amsterdam, Holanda, com a participação de 351 delegados representando 147 denominações de 44 países. Sua sede é em Genebra, Suíça [...] A princípio o CMI era protestante, mas em 1961, na Assembléia de Nova Délhi, Índia, a Igreja Ortodoxa Russa, um ramo do catolicismo, filiou-se ao movimento. O Concílio Vaticano II apoiou o CMI [...] alterando o panorama do movimento [...] Como podemos comungar com um evangelho que foi rejeitado pelos reformadores? O apelo dramático da Reforma Protestante [...] para o retorno às Escrituras Sagradas como única regra de fé e prática, agora é desfeito em cinzas com o CMI [...] Esta é apenas uma das razões porque não aderimos e nem apoiamos o movimento.

A rejeição ao ecumenismo data de 1962, na Convenção Geral realizada em Recife. Na ocasião, recusou-se até mesmo a união com outras igrejas evangélicas e pentecostais. No que diz respeito ao ecumenismo propriamente dito, foi decisivo o pronunciamento de um pastor norte-americano que visitava a convenção, Raymond

⁴ Disponível em: <http://igrejaassembleiadedeus.org/visão_geral_da_ad.htm> . Acesso em 18 nov. 2008

Carlson, instando os assembleianos brasileiros a não aderirem ao movimento e nem ao modernismo (entendido como negação da infalibilidade da Bíblia), no que foi atendido. A edição seguinte do jornal “Mensageiro da Paz” divulgou “uma nota de repulsa à adesão de evangélicos ao Concílio Ecumênico” (CPAD, 2004, p. 343).

Esses aspectos também reforçam as representações de mundo do grupo religioso. Chartier (2002b) destaca três aspectos do conceito de representações sociais: o primeiro refere-se às representações coletivas, que são referentes aos conceitos e configurações do mundo social, engendrados ou assumidos por um grupo e que passam a constituir a matriz de percepção do mundo social, de classificação e hierarquização da realidade, a partir de determinados critérios de julgamento; são elementos de reordenação do mundo por meio dos quais pretendem ter sua identidade reconhecida.

Nesse sentido, as representações aspiram a um caráter universalista e são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as produzem; nunca são discursos neutros, colocando-se sempre em situação de competição (CHARTIER, 2002a.); engendram discursos e práticas sociais diferenciadas e, desse modo, não há identidade sem um conjunto de representações que a legitime (SILVA, In: CARDOSO; MALERBA, 2000, p. 97), ou seja, os indivíduos percebem o mundo social a partir de “esquemas interiorizados”, que dão coerência e estabilidade à identidade do grupo. Enquanto discurso e prática, as representações são esboçadas por indivíduos que “descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”. (CHARTIER, 2002a, p. 19)

O segundo aspecto do conceito de representações sociais para Chartier (2002b) diz respeito à delegação atribuída a representantes, isto é, os julgamentos, ações e percepções do grupo se tornam possíveis porque delegam a alguém (nesse caso, às lideranças da instituição religiosa em questão) a função de dar coerência e permanência a essa identidade. Por isso, a Assembleia de Deus teve de aceder à sistematização teológica a fim de evitar a penetração de doutrinas estranhas e à fragmentação institucional.

O terceiro aspecto desse conceito relaciona-se à “dominação simbólica”, “como processo pelo qual os dominados aceitam ou rejeitam as identidades impostas que visam a assegurar e perpetuar seu assujeitamento.” (CHARTIER, 2002b, p. 11) Nesse caso, as representações estão diretamente relacionadas a uma forma específica de exercício de poder. Para Chartier, as representações existem porque as estruturas do mundo social

não são um dado objetivo, mas produzidas historicamente por práticas sociais articuladas, quer no âmbito político, social e/ou discursivo. E é a partir dessas “categorias incorporadas” que norteiam sua existência social, constroem símbolos e significados e dão sentido ao mundo.

Por conseguinte, toda prática ou estrutura está conectada a um conjunto de representações, haja vista que o objetivo delas é ordenar e dar coerência à própria estrutura social. Paralelamente, não há representação sem um discurso que a legitime, sem uma leitura de mundo que lhe seja peculiar, pois é via significados produzidos pelas representações que os grupos sociais dão sentido à sua experiência e à sua identidade (WOODWARD, In: SILVA, 2000, p. 17). E assim torna-se possível perscrutar as estratégias simbólicas adotadas pelos grupos, bem como as posições e relações que assumem num dado contexto.

A identidade religiosa pentecostal é uma resposta dos grupos à incerteza da ansiedade existencial, consequência de uma modernidade na qual as condições de ações dos indivíduos mudam rapidamente, antes da consolidação de hábitos e valores. É também a fluidez de um mundo desencantado. Segundo Campos (2009, p. 106), para os fiéis a segurança ontológica (entendida como o sentimento de continuidade identitária e constância no convívio social) é garantida pela outorga de poder a um corpo de sacerdotes especializados, representados como “ministros de Deus”, com autoridade para (re)formular a doutrina a ser seguida pelo “rebanho de Deus”; seu conhecimento é transmitido pela pregação, admoestação e ensino. A identidade é afirmada dentro de um processo de produção simbólica e discursiva e uma de suas características é sua capacidade de excluir, de transformar em abjeto o que lhe é exterior (HALL, 2007, p. 110).

Na AD essa autoridade não advém apenas do conhecimento intelectual, mas do poder simbólico exercido pela ocupação do posto de pastor. Sua função é assegurar à comunidade de fiéis a garantia da salvação. Como portadores do capital religioso⁵ que são, essa oferta vem acompanhada do despertar do sentimento de culpa e medo;

⁵ Compreende-se por “capital religioso” a capacidade de mobilização de grupos ou classes por parte de uma determinada instância religiosa para lhes oferecer bens e serviços que satisfaçam seus interesses religiosos; estes interesses constituem uma demanda religiosa dos leigos e os bens e serviços, a oferta, produzida pelo corpo de especialistas da organização religiosa. O capital religioso, portanto, determina a posição dessas duas instâncias na estrutura das relações de forças no campo religioso em que são produzidas, de modo que as satisfações de seus interesses as auxiliem no exercício de suas funções na divisão do trabalho religioso, e conseqüentemente, na divisão do trabalho político (BOURDIEU, 2007, p. 57-58).

culpa dos pecados cometidos no “tempo da ignorância” (compreendidos como o período anterior à conversão) e medo da punição divina, sentenciado no juízo final.

3. Raízes e conceito de fundamentalismo

Para perscrutar como se caracterizam as representações de mundo assembleianas, é que este artigo analisa o tipo de leitura realizada na Escola Bíblica Dominical⁶ (EBD), momento de formação da consciência religiosa dos fiéis leigos e de inculcação dos fundamentos elementares da doutrina eclesiástica, realizada aos domingos pela manhã. As revistas são divididas por faixa etária e são temáticas, sempre trimestrais, redigidas por um comentador, revisadas por um consultor teológico da CGADB e redistribuídas para todo o Brasil. As revistas para jovens e adultos são as mesmas, embora, nas igrejas, haja separação de classes por faixa etária.

As revistas da EBD constituem um dos mais evidentes exemplos da leitura fundamentalista da Bíblia operada pela AD. Por leitura fundamentalista entende-se aqui uma concepção da Bíblia como um livro ditado, palavra por palavra, pelo próprio Deus, que por isso é infalível e contém todas as verdades e respostas necessárias à existência humana, fazendo uma interpretação literal e atemporal de seus textos e negando, por conseguinte, os condicionamentos humanos e históricos dos autores e das sociedades que produziram os livros e cartas nela contidos.

O fundamentalismo, enquanto movimento religioso, teve origem no interior do protestantismo e nasceu no Tennessee, Estados Unidos, no século XIX, e foi teorizado pelo pastor batista Curtis Laws. O nome se deve a um documento lançado por ele intitulado *Fundamentals of Faith* (Fundamentos da Fé), uma coletânea de doze textos que reafirmavam os fundamentos básicos da Bíblia e da fé cristã, tais como o caráter infalível da Bíblia e a ausência de erros, a literalidade da criação descrita no Gênesis, o nascimento virginal de Jesus Cristo, sua ressurreição e a autenticidade de todos os milagres que teria realizado, descritos nos Evangelhos (AZEVEDO, 1999, p. 205). O fundamentalismo⁷ nasceu como oposição ao liberalismo e ao darwinismo, sendo uma

⁶ A “Escola Bíblica Dominical” surgiu em 1780, em Gloucester, Inglaterra, no bojo do avivalismo metodista. As aulas eram ministradas principalmente para crianças pobres, tendo se tornado o passo inicial para a educação popular naquele país (MENDONÇA, 2008, p. 99). O metodismo exerceu um importante papel de doutrinação religiosa na Inglaterra no período inicial da Revolução Industrial.

⁷ No século XX tornou-se um movimento mais forte nos Estados Unidos. Um caso emblemático do fundamentalismo protestante norte-americano, que ocorreu em 1925, foi o caso Scopes, professor que foi levado a julgamento por ter quebrado a proibição de ensinar teoria da evolução numa escola. Os

invenção da modernidade e está relacionado aos embates teológicos gestados na era moderna.

Embora inicialmente esse movimento estivesse dissociado do pentecostalismo, a Assembleia de Deus absorveu, em sua totalidade, os princípios dessa doutrina. Ainda no século XIX, teólogos de Princeton tentaram aliar os métodos das ciências naturais à teologia, buscando alcançar objetividade na formulação de conceitos teológicos, através de argumentos racionais e definições elaboradas sob pressupostos “científicos” (MENDONÇA, 2008, p. 102). O cientificismo da era moderna engendrou uma teologia caracterizada por sua obstinada oposição a toda concepção que ia de encontro aos dogmas fundamentais do Cristianismo, ao mesmo tempo em que buscou provar cientificamente a literalidade da criação e de outros episódios bíblicos, principalmente no Antigo Testamento.

No entanto, o uso do termo só se tornou comum a partir da década de 1950. Sua essência é a reafirmação da ortodoxia doutrinária da Bíblia contra os pressupostos da modernidade oriundos da teologia européia de fins do século XIX e início do século XX, cujas diretrizes de interpretação da Bíblia se adequaram aos avanços científicos da época, como o darwinismo, as religiões comparadas e a crítica bíblica (CAMPOS, 2009, p. 96s.). Portanto, foi uma forma de elaborar respostas religiosas aos problemas e desafios colocados pela modernidade⁸.

Karen Armstrong (2001, p. 16) enfatiza que o racionalismo científico da modernidade causou um forte impacto em diversos grupos religiosos, levando-os a tentar transformar em *logos* o *mythos* da sua fé; ressalta, porém, que a leitura literal da Bíblia é uma atitude moderna, uma forma de usar o instrumentário racional da modernidade para refutá-la. Daí a preocupação de teólogos protestantes em tentar argumentar cientificamente acerca da veracidade do criacionismo e de outros relatos da Bíblia. No fundamentalismo, tudo o que importa já foi escrito. Os textos sagrados contêm tudo o que os indivíduos precisam saber. Se a ciência contradiz a Bíblia, é falsa,

fundamentalistas perderam a causa, mas o movimento recrudescer a partir de então. Acerca de suas repercussões na sociedade norte-americana, cf. ARMSTRONG, 2001.

⁸ Ainda no século XIX, teólogos de Princeton tentaram aliar os métodos das ciências naturais à teologia, buscando alcançar objetividade na formulação de conceitos teológicos, através de argumentos racionais e definições elaboradas sob pressupostos “científicos” (MENDONÇA, 2008, p. 102). O cientificismo da era moderna engendrou uma teologia caracterizada por sua obstinada oposição a toda concepção que ia de encontro aos dogmas fundamentais do Cristianismo, ao mesmo tempo em que buscou provar cientificamente a veracidade da criação e de outros episódios bíblicos, principalmente no Antigo Testamento.

porque só a Bíblia é verdadeira, e qualquer ciência que pretenda ser verdadeira deve ratificar tudo o que está descrito na Bíblia; se não o fizer, é porque está sob o jugo do mal.

Armstrong (2001) enfatiza que a leitura literal e racional da Bíblia feita por esses segmentos protestantes é um exemplo de que se trata de uma postura moderna e inovadora, pois difere bastante da análise de caráter mística e alegórica peculiar à espiritualidade pré-moderna. O fundamentalismo representa uma forma de adaptação dos fiéis à modernidade pela via religiosa, situando-a no âmbito do sagrado.

A proposta de leitura da Bíblia dos reformadores do século XVI já era uma atitude moderna: necessitava da imprensa para que os fiéis possuíssem um exemplar e da difusão da alfabetização para que eles aprendessem a lê-la. Mas os reformadores protestantes eram, simultaneamente, revolucionários e reacionários: se propunham uma nova relação do fiel com a divindade; por outro lado, estavam arraigados no passado. Lutero, por exemplo, rejeitava fortemente a razão, mas ao expulsá-la da religião, tornou-se “um dos primeiros europeus a secularizá-la” (ARMSTRONG, 2001, p. 84-87).

Inicialmente o pentecostalismo não tinha relação com o fundamentalismo, pois deixava de lado a razão para vivenciar os aspectos emocionais da experiência religiosa. Entretanto, o movimento se dividiu e assumiu características variadas (ARMSTRONG, 2001, p. 195). Ao prezar pela ortodoxia doutrinária desde sua fundação, a Assembleia de Deus pareceu ter dado os primeiros passos nessa direção, porém, só passou a opor-se radicalmente à modernidade nas últimas duas ou três décadas, quando passou a ser mais fortemente influenciada pela teologia norte-americana.

4. Análise da leitura da Bíblia realizada pela AD através das revistas de Escola Dominical

Até 1937, as lições das revistas dominicais da AD eram traduções de revistas estrangeiras, principalmente norte-americanas, quando então foi criada uma junta de comentadores para produzi-las no Brasil. O que segue é uma análise de como se processa a leitura de mundo efetuada e ensinada pela AD através de suas revistas de Escola Dominical. Para isso, esse artigo prioriza as revistas que tratam de assuntos considerados polêmicos quando confrontados com a visão religiosa, como aborto, eutanásia, participação do fiel numa guerra, secularismo, ateísmo, evolucionismo, etc.

Embora, em linhas gerais, o posicionamento das religiões cristãs não difiram muito em algumas dessas temáticas e sejam bem conhecidos, o que interessa aqui problematizar é como se faz a avaliação dessas temáticas pelos redatores e comentaristas dessas revistas, levando em consideração que são formadores de opinião, e que lições são repassadas por outros formadores de opinião – os professores das congregações – que tipo de leitura os alunos são conduzidos a fazer e a partir de quais critérios argumentativos?

Se em relação a questões sociais o foco principal é a reafirmação dos dogmas cristãos fundamentais, necessariamente uma religião fundamentalista tem de encontrar em seu livro sagrado respostas para todas as questões que a modernidade coloca em termos de ética e comportamento social. O fundamentalismo precisa se apoiar no princípio da autoridade instituída para validar seus valores. Em alguns momentos em que a Bíblia não oferece resposta satisfatória, prevalece o princípio da tradição, aquilo que a modernidade “inverteu”. Aos inimigos da fé – ateus, darwinistas, humanistas, teólogos liberais – é dirigido o discurso mais beligerante. Nessa análise, comenta-se apenas a abordagem feita na revista “Lições Bíblicas” para jovens e adultos, com faixa etária acima de dezoito anos. Trata-se, portanto, de analisar como a apologética assembleiana é expressa em seus textos catequéticos, qual a importância dada a esses assuntos e como são tecidas as críticas dirigidas a eles.

Para os teólogos da Assembleia de Deus apenas a Bíblia tem “a única e mais lógica explicação para a origem do universo” (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 2º trimestre de 2007, p. 31), considerada também infalível e “totalmente isenta de erros” (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 4º trimestre de 2008, p. 67). Considera Deus como seu único autor (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 4º trimestre de 2008, p. 61). Reconhece, porém, que ela contém diversos gêneros literários e que as traduções, por serem cópias de cópias, até podem conter erros, mas reafirmam que isso não invalida seu caráter absoluto e inerrante (p. 67). Usa um tom ameaçador para quem adota uma postura diferente: “A Bíblia é sem igual! [...] A ela não se pode acrescentar ou diminuir absolutamente nada. Quem assim o fizer estará sob pena de maldição” (p. 83).

O discurso maniqueísta ganha tonalidades dramáticas em alguns momentos de sua apologética: “Alguns teólogos modernistas dizem que a Bíblia precisa ser revisada, e que alguns de seus textos não fazem mais sentido para os dias pós-modernos. Trata-se

de uma desvelada ação diabólica contra a Palavra de Deus”. (idem) Condena ferrenhamente os aspectos liberais da sociedade que se chocam com seus princípios teológicos: “os princípios registrados nas Sagradas Escrituras são absolutos e, portanto, não podem ser submetidos aos caprichos de uma sociedade permissiva”. (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 3º trimestre de 2008, p. 57). Aqui a permissividade é sinônimo de liberdade de expressão e da diversidade de comportamentos advindos dela. De um modo geral, as religiões de salvação vivem em tensão constante com a liberalização moral das sociedades contemporâneas e tem dificuldades de lidar com um contexto onde os valores mudam frequentemente e prescindem de orientação religiosa. Por isso, o discurso combativo e a reafirmação do dogma são formas de marcar presença e ganhar visibilidade.

É comum serem criticadas, nessas revistas, todos os posicionamentos filosóficos e científicos que questionam ou contestam dogmas cristãos fundamentais, como a existência de Deus, o criacionismo e até mesmo concepções teológicas divergentes da assembleiana. A instituição também se opõe tenazmente ao secularismo, tido como procedente da “introdução do pecado no mundo” (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 4º trimestre de 1998, p. 53) e da ausência de educação sadia, mas fundamentada no evolucionismo, teoria considerada por seus teólogos como “sem nenhum respaldo científico comprobatório” (idem). É ensinado ainda que o secularismo é resultado do hedonismo e da apostasia, o qual deve ser combatido, segundo o autor da revista, por uma forte apologia da religião em todos os setores da sociedade.

O secularismo é uma forma sutil, artilosa e lenta de Satanás corromper a Igreja do Senhor. O secularismo ou humanismo é o inverso da espiritualidade na vida do crente. [...] A renovação espiritual constante é [...] o mais eficaz antídoto contra o veneno do secularismo. Modernamente, secularismo é a época atual com seu modo típico de vida [...] É a pessoa viver e agir tendo os procedimentos e necessidades do dia-a-dia como direção única na sua vida. É como se Deus não existisse. É uma forma de materialismo e ateísmo práticos [...] O melhor remédio contra o secularismo, ou mundanismo, está na observação dos preceitos divinos da Palavra de Deus (CPAD, *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 1º trimestre de 2000, p. 45-48).

Esse aspecto é importante por revelar que a instituição não reconhece aspectos positivos no secularismo – entre os quais estaria seu próprio crescimento, já que a separação entre religião e Estado, que foi restritiva aos protestantes na colônia e no

Império, possibilitou a multiplicação de ofertas religiosas e a liberação de outros credos não ligados ao catolicismo. Ao contrário, a instituição vê esse aspecto da cultura moderna como “veneno” cujo “remédio” seria o retorno a práticas pré-modernas da doutrina religiosa. Não podendo suprimir o secularismo, a AD assume uma postura ofensiva.

A definição do secularismo como um modo de vida em que as pessoas agem “como se Deus não existisse” remete a um dos aspectos mais relevantes da atualidade. Entre as ofertas da modernidade no mundo contemporâneo está o da possibilidade de construção de projetos de vida, da decisão autônoma do indivíduo pela sua liberação do coletivo. De certa forma, a religião também foi fortemente impactada por esse processo, pelo fato de a crença em Deus não precisar mais estar vinculada a uma pertença religiosa. A esse fenômeno Sanchis (In: MARIN, 2005, p. 23) chamou de “individualização e desinstitucionalização do crer”.

Todavia, as consequências da modernidade amiúde geraram resultados contrários aos esperados, isto é, desorientação, orfandade identitária, conduzindo muitos indivíduos a adesão emocionalmente intensa a um tipo de religiosidade milenarista e salvacionista. Ao “desencantamento” do mundo, o fundamentalismo responde com a contundente reafirmação da instituição religiosa como portadora exclusiva da verdade que leva a Deus.

Temendo adentrar no rio das “identidades móveis”, a liderança assembleiana e seu corpo de teólogos tentam, a todo custo, manter a unidade do credo e obliterar as tendências modernizantes/modernizadoras que ameaçam a “integridade identitária da instituição”. E “nessa batalha espiritual” o secularismo é um inimigo a ser combatido, pois procura reduzir o papel da religião na vida social.

Com igual veemência condena-se o relativismo: “o relativismo moral domina o pensamento moderno. Em nome de um falso pluralismo e do ‘respeito às diferenças’, o Diabo vem convencendo os incrédulos de que nada é errado, tudo é relativo e que o pecado não existe”. (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 4º trimestre de 2008, p. 53) O ateísmo, como é de se esperar, também é combatido como algo extremamente nocivo. Qualifica-o como fundamentalismo, ignorando o uso incorreto dessa palavra fora do âmbito religioso e, mais especificamente, do monoteísmo⁹.

⁹ Tendo como ponto de partida a origem do termo “fundamentalista”, ele só pode ser aplicado a um contexto religioso que, necessariamente, possua um livro sagrado. Assim, a atitude fundamentalista

O fundamentalismo ateu é a expressão intelectual de diversos filósofos desses tempos pós-modernos. Todos se uniram, em suas idéias e seus escritos para destruir os postulados da fé em Deus. A filosofia tornou-se o martelo, usado pelo Diabo, para tentar esmigalhar as religiões, principalmente o Cristianismo [...] Sua influência na França e na Europa tem aumentado. Na França, quase ninguém mais vai às igrejas. Apenas 7% dos ingleses freqüentam algum tipo de culto. A Inglaterra, berço de avivamentos cristãos, é considerada hoje, uma “nação pós-cristã”.
(CPAD, *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 4º trimestre de 2008, p. 36)

Alguns são mesmo chamados de “terroristas contra a fé”. Em outra revista é condenada a educação sexual nas escolas, considerada pecaminosa e antibíblica (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 2º trimestre de 2007, p. 21). Alhures, também é chamada de educação perniciosa (CPAD. *Lições Bíblicas*, jovens e adultos, 4º trimestre de 2008, p. 74). Coloca como “falsa ciência” tudo o que não ratifica os dogmas cristãos assimilados pela AD; o materialismo dialético e a evolução das espécies são considerados “fanatismo religioso radical” (idem, p. 30-31)

Um dos maiores desafios da Igreja [...] é a educação materialista, secularizada e relativista, que vai desde o ensino fundamental até a universidade. As crianças, adolescentes e os jovens são alvo dessa educação permeada de falsas filosofias [...] Quando o comunismo estava no auge, principalmente no Leste europeu, sua doutrina era ensinada sistematicamente a partir das crianças. Em nosso país o ensino materialista vem predominando, especialmente nas áreas de ciências e história, inculcando na mente das crianças a descrença em Deus por meio da falsa teoria do evolucionismo [...] verifique quem são os seus professores, qual a linha pedagógica da escola e o que estão aprendendo, pois é grande a influência do materialismo por toda parte (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 2º trimestre de 2007, p. 21, 22).

As teologias liberais também são alvo de fortes críticas. Em uma delas, refuta-se o pensamento de Schleiermacher, Paul Tillich, Rudolf Bultman e Pierre Teilhard Chardin. (idem, p.51-52)¹⁰. Condena-se toda literatura não-cristã, a indústria do

consiste em uma leitura literal desse texto, tido como revelado, inspirado e infalível (PIERUCCI, In: MAIA; BATISTA, 2006, p. 06).

¹⁰ A revista do 2º trimestre de 2007 foi baseada em um livro, publicado pela CPAD com o título “Perigos da Pós-Modernidade”. O autor, Elinaldo Renovato, que também é comentarista da revista, analisa todos os aspectos da pós-modernidade, considerada como “tempos trabalhosos” que ameaçam a integridade doutrinária da instituição, educação, programas de TV, internet, pluralidade religiosa, etc. O

entretenimento, manifestações culturais não-religiosas e afirma-se que as leis que regulam a construção de templos visam dificultar “a divulgação do evangelho” (ibidem, p. 54). Todas essas manifestações são consideradas perseguição “a serviço do inferno” (ibid., p. 54). Não raramente, o discurso se torna ameaçador para quem não vê o *mythos*¹¹ bíblico como *logos*.

Inspirados em teologias liberais, há crentes que não mais vêem a Bíblia como a inspirada, inerrante e infalível Palavra de Deus [...] Infelizmente, há muitos incautos dispostos a aceitar semelhantes blasfêmias [...] Cuidado com o relativismo moral; a Bíblia lida com valores absolutos e inegociáveis (ib., p. 5-7).

Em outro texto, a teologia liberal é chamada de “racionalismo incrédulo e pernicioso” (CPAD. *Lições Bíblicas*, 4º trimestre de 2006, p. 78) e lamenta-se que alguns deles estejam presentes em seminários teológicos “desviando os alunos da verdade” (idem). Em alguns momentos deixa-se transparecer uma mania de perseguição, fomentada pela demonização da alteridade e comparações históricas espúrias:

Na Europa, há leis que prevêm a prisão daqueles que usam os textos da Bíblia contra o homossexualismo (Lv. 18.22; 20.23; Rm. 1.27; I Tm. 1.10) [...] No Brasil, tramita um “projeto de lei” – Lei contra a homofobia – com a mesma finalidade. Pastores poderão ser presos, se esse projeto, de origem satânica, for aprovado. A constituição garante o livre direito à crença e à religião, mas o Diabo quer silenciar [...] instituindo o *crime de opinião*, a exemplo do que fizeram os piores ditadores, como Stálin, Mao Tse Tung e outros. (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 4º trimestre de 2008, p. 53 [grifos do autor])

Em outro texto, o pluralismo religioso é considerado como algo maligno:

O nosso país caracteriza-se como uma nação multicultural e pluralista, inclusive no que tange a tradições religiosas não cristãs. Muitos antropólogos e sociólogos seculares vêem essas festividades

evolucionismo é considerado como “falsa ciência” em oposição à “verdadeira ciência” que confirma toda a Bíblia. A primeira, é loucura humana, a segunda, sabedoria divina.

¹¹ O mito é uma narrativa que dá sustentação ao rito; o rito é uma manifestação simbólica que objetiva representificar o passado, atualizando-o. Isso dá sustentabilidade e identidade à comunidade religiosa. Na sociedade moderna, onde as pessoas têm cada vez menos tempo de irrem frequentemente à igreja e observarem estritamente os mandamentos, a religião termina sofrendo uma retração de suas práticas simbólicas e ritualísticas. Por isso, ao transformar o mito em “fatos científicos”, em *logos*, os fundamentalistas protestantes negligenciaram os aspectos místicos da religião, sobrepondo ao imaginário e ao fantástico uma fé racionalizada, já que a religião não é passível de comprovação científica. Um resultado disso pode ser a deflagração de atos explícitos de intolerância. Cf. ARMSTRONG, 2001.

como elemento de integração social e manifestação cultural. Mas isto é apenas um disfarce material, que oculta a tenebrosa realidade espiritual das coisas. O sincretismo religioso presente em muitas dessas festas e comemorações é uma ferramenta maligna para iludir o cristão incauto ou desprovido de visão celestial.

(CPAD, *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 2º trimestre de 2009, p. 39)

A AD demonstra grande preocupação com essas questões, por vê-las como uma ameaça inequívoca à “verdadeira religião”. A dificuldade em lidar com a diferença e o pluralismo é evidente em muitos trechos e vê na possível legalização de determinadas práticas um sintoma lamentável de decadência moral e espiritual. Condenam o sincretismo como “doutrina herética e capciosa” (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 4º trimestre de 2008, p. 08) e crenças populares (duendes, gnomos, fadas, etc.) como invenções da mente humana (p. 09). A revista destaca comentários adicionais, orientações pedagógicas e subsídios teológicos; estes últimos consistem em excertos de livros, praticamente da autoria de teólogos norte-americanos e reproduzidos na CPAD, o que evidencia a determinante influência teológica dos Estados Unidos na formação de seus quadros e o caráter exclusivista que a instituição confere a si mesma enquanto portadora da verdade.

No quarto trimestre de 2005, a revista da EBD veiculou o seguinte título: “E agora, como viveremos? A resposta cristã para tempos de crise e calamidade moral”. Essa temática representa um recorrente receio da igreja com a relativização da religião e o título sugere o medo de aniquilação presente na postura fundamentalista. Por isso, todo seu conteúdo é voltado para combater aspectos da pós-modernidade¹². A capa, que mostra a imagem de um genoma entre o planeta Terra e o universo já denota uma preocupação essencial: o temor, sempre presente na trajetória do Cristianismo, de que o avanço da ciência adentre as portas da igreja, seja absorvido pelos fiéis e arrefeça sua fé religiosa. O título da revista é o mesmo de um livro publicado por dois escritores norte-americanos, Charles Colson e Nancy Pearcey, pela editora CPAD. O comentarista da revista é Jeremias do Couto. Logo na primeira lição encontra-se uma afirmação de nostalgia pelos valores que a igreja sente suplantados: “Nunca ocorreu, em toda a história, uma época semelhante aos dias atuais, onde é nítida a ausência de valores, a

¹² Para os teólogos assembleianos a pós-modernidade é algo fixo, uma fase histórica à parte. Embora não cheguem a dar-lhe um conceito específico, isso fica evidenciado a partir da leitura de seus textos.

saber, de sentimento, decoro, vergonha, moral, caráter, respeito e temor a Deus”. (CPAD. *Lições Bíblicas*, jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p.06). Toda a abordagem e todas as críticas subsequentes são feitas no sentido de demolir o padrão moral, estético, intelectual, político, filosófico e espiritual do mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que propõe a instauração de uma espécie de teocracia, um retorno ao domínio do sagrado sobre a esfera pública e privada e o rígido controle do comportamento dos indivíduos. Seu ataque à pós-modernidade é voltado no sentido de derrear a cultura dessacralizada, tida como imoral e desrespeitosa. O teocentrismo é nostalgicamente louvado, reação natural de uma religião milenarista, que espera a instauração do Reino de Deus e a supressão de toda manifestação cultural não-religiosa.

Nesse passo, a pós-modernidade é caracterizada como uma época de centralização no homem, ascensão do relativismo, materialismo, incredulidade, rebeldia humana, diversidade, multiplicidade, egocentrismo, hedonismo e valorização do paganismo e do multiculturalismo, contra o qual o comentador lança mão de um jargão iracundo: “saiba-se que por trás do multiculturalismo está camuflado o paganismo ímpio e hostil a Deus, a negação dos valores divinos e a teoria maldita e sutil da verdade relativa” (CPAD. *Lições Bíblicas*, jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p. 08), onde Deus é excluído da história e substituído pelo naturalismo, mentalidade que o autor qualifica como “entenebrecida” (CPAD. *Lições Bíblicas*, jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p. 14).

Jeremias do Couto afirma ainda que o pós-modernismo tem suas raízes no Jardim do Éden, quando o homem rebelou-se contra Deus e atravessou toda a história, até ganhar tonalidades mais fortes na atualidade. Vaticina contra os defensores do relativismo que irão prestar contas “diante do Grande Tribunal do Soberano Deus” (CPAD. *Lições Bíblicas*, jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p. 15), pois se entregaram, segundo ele, a um estado de “imundície” a fim de “aliviar suas consciências perturbadas” (p. 15). Ao final da lição 2, no subsídio teológico, incluído apenas na revista do professor, condena-se a heterogeneidade, as universidades e chega-se mesmo a almejar o retorno da intolerância.

No pós-modernismo, não há objetivo ou verdade universal. Há somente a perspectiva do grupo, não importa qual seja: afro-americanos, mulheres, homossexuais, hispânicos e a lista prossegue. No pós-modernismo, todos os pontos de vista, todas as crenças, e todos os comportamentos são considerados igualmente válidos.

Instituições de ensino superior abraçaram essa filosofia tão agressivamente que têm adotado códigos nos campus preferindo o politicamente correto. A tolerância tem se tornado tão importante que nenhuma intolerância é tolerada.

(CPAD. *Lições Bíblicas*, jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p. 17)

As supostas sutilezas da filosofia pós-moderna são denunciadas, comparando-as com as brutais perseguições aos cristãos no Império Romano. Neste, buscava-se eliminar a nova religião; na atualidade, segundo o autor, busca-se impedir seu crescimento e enfraquecer a identidade cristã. A retórica marcada pela denuncia de perseguição está presente em todas as lições. Como em outras revistas, a legislação liberal é censurada como um conjunto de “idéias iníquas” (CPAD. *Lições Bíblicas*, jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p. 22), assim como a tolerância religiosa e o Estado laico. Contra este, afirma-se que “os princípios de vida respaldados pelas Escrituras estão acima de qualquer laicidade; são universais” (p. 23). Uma vez que todas as outras religiões são consideradas como heresias, não há problema para a AD desconsiderar sua existência ao se outorgar o direito de universalizar seus dogmas. Ele propõe também que a igreja estimule seus membros à vida pública (p. 24), para fazerem valer os princípios do “Reino de Deus”.

O antropocentrismo seria “inspiração demoníaca” (p. 30). Afirma que “a existência de Deus é uma necessidade primacial da razão, sem a qual é impossível dar sequência coerente a qualquer forma de raciocínio” (p. 31) O relativismo, para o autor, “arruína toda a vida” (p. 37). Poucas tendências da atualidade são tão tenazmente combatidas pelas revistas da CPAD como o relativismo. Sendo o oposto do que a igreja defende, não é de surpreender que seus teólogos tanto se preocupem em refutá-lo numa sociedade plural. Mas para fazê-lo, têm de negar a própria pluralidade, combater a tolerância e o direito de os diversos segmentos sociais se manifestarem livremente numa sociedade democrática. Esquecem, porém, que foram justamente esses elementos que eles condenam que possibilitaram o crescimento das Assembleias de Deus no Brasil.

Geremias do Couto propõe ainda que os fiéis tomem uma atitude belicosa para com o secularismo, pela “disseminação incessante do conteúdo bíblico” (CPAD. *Lições Bíblicas*, jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p. 67) e pela ocupação dos lugares estratégicos da sociedade pelos protestantes, como a educação, que, segundo ele, “é hoje um campo fértil para atuação de pedagogos cristãos [...], os quais [...] serão como uma barreira para conter os avanços da permissividade”.

Nesse sentido, é que a análise do material produzido pela Assembleia de Deus para catequese de seus membros na Escola Bíblica Dominical permite afirmar ter ela uma postura fundamentalista ao contrapor a literalidade do relato da criação, por exemplo, à concepção científica evolucionista e a qualquer formulação teológica liberal. Embora a expressão “fundamentalismo” ganhe conotações pejorativas em determinados contextos, como “fanatismo” ou “radicalismo”, acredita-se que esta associação não seja a melhor forma de expor o termo em um trabalho acadêmico.

O propósito aqui é mostrar como a visão de mundo assembleiana se choca com valores da sociedade contemporânea, inclusive a tolerância. Mas é necessário acrescentar que, numa sociedade pluralista e democrática, as divergências de interesses tendem a ocorrer nos espaços de discussão, como instituições universitárias, na mídia e também nas Câmaras legislativas estaduais e federais, o que é pertinente ao próprio processo democrático. A AD é caracterizada aqui como intolerante quando ocorre a demonização do outro, como, por exemplo, ateus, evolucionistas, homossexuais, recurso discursivo utilizado por esses grupos religiosos para desqualificar o oponente e retirar qualquer legitimidade de sua retórica e de suas práticas, rejeitando, por isso, qualquer forma de consenso que não seja a aceitação plena de suas ideias. Isso ocorre porque “o fundamentalismo é contrário à atitude da constante procura [...], contra o reconhecimento de que as verdades são contextuais e provisórias” (PIERUCCI, In: MAIA; BATISTA, 2006, p. 07).

Os teólogos assembleianos desqualificam toda teologia revisionista e escrevem com sanha acerca de uma sociedade em que o controle da educação pública não está concentrado nas mãos de protestantes pentecostais. Preocupados em provar que a “verdadeira” ciência confirma toda a Bíblia, não poupam palavras para censurar, quer nas igrejas, quer nos meios de comunicação, qualquer investigação que não se alinhe ao seu pensamento.

As revistas também fornecem orientações acerca de sexualidade, política, economia e condutas a serem adotadas no cotidiano. O aborto é condenado, pois, para a igreja, “a alma e o espírito são colocados por Deus no embrião, com a concepção” (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 3º trimestre de 2002, p. 28). “A prática do aborto não deve ser vista como um direito de escolha da mulher [...], pois toda criatura nasce sob a permissão de Deus, e só ele, o doador da vida, tem o direito absoluto sobre ela”. (CPAD. *Lições Bíblicas*, jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p. 60). A luta da

AD contra a legalização do aborto começou oficialmente em 1981, por determinação da Convenção Geral realizada naquele ano¹³. A eutanásia é proibida por ser considerada uma “afronta a Deus”, pois só ele tem o direito de decretar a morte.

A morte, na verdade, é o resultado do juízo de Deus sobre nossos primeiros pais, em virtude de sua desobediência, estendendo-se também a toda raça humana [...] O aborto e a eutanásia [...] são fruto da mente doentia dos humanistas, cuja consciência, cauterizada que está pelo pecado, já não reconhece as demandas de Deus em favor da vida. A raça humana, para os humanistas, é constituída de seres meramente orgânicos, que devem ser eliminados sem qualquer subordinação ao desígnio divino. (CPAD, *Lições Bíblicas*, jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p. 61)

Paralelamente, a CGADB se manifestou contra o uso de anticoncepcionais já em 1968, na Convenção Geral realizada em Fortaleza-CE, quando o plenário, questionado sobre qual a posição da convenção sobre o tema, “por unanimidade, declarou: ‘Que não se permita, absolutamente’” (CPAD, 2004, p. 391).

Transfusão de sangue e doação de órgãos são permitidas (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 3º trimestre de 2002 p. 69-73). Permite-se aos membros da igreja participarem de uma guerra, desde que ela não seja injusta; considera-se como “guerra justa” as que são realizadas “contra o narcotráfico, contra o crime organizado ou ainda contra uma potência agressora, dirigida por um governo tirano, fratricida e genocida” (p. 23). Nesse caso, matar para se defender do agressor não é considerado assassinato, não violando, portanto, o sexto mandamento do decálogo. Cita-se como exemplo as guerras entre os israelitas e outros povos na antiguidade, quando os primeiros eram comandados pelo próprio Deus, que, nesses casos, permitia o homicídio.

O consultor teológico afirma que o mandamento “não matarás” nunca é usado na guerra. Enfatiza-se que a igreja tem compromisso com o governo e que “não há argumento que proíba a participação numa guerra justa, considerada justa e regular”. (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 3º trimestre de 2002, p. 23) No Elad (Encontro de líderes das Assembleias de Deus) realizado em 1999, essa posição já tinha sido esboçada quando um dos líderes afirmou que “não constitui pecado um crente participar de uma guerra servindo nas Forças Armadas de seu país”, pois “se há razão

¹³ “Na discussão sobre o que é a vida (...), os fundamentalistas reagem como se qualquer pesquisa nessa área fosse uma ofensa a Deus, que em sua imensa majestade e glória já determinou que o embrião sem cérebro é vida humana e ponto final” (PIERUCCI, In MAIA; BATISTA, 2006, p. 07)

para a punição de um ditador, de um governante assassino, a guerra é justificável” (CPAD, 2004, p. 623-624).

Algumas revistas dão especial atenção à escatologia (CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 3º trimestre de 1998; CPAD. *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 4º trimestre de 2004), atitude que, segundo Le Goff (2003, p. 15), é desdobramento de uma história que não mais domina o futuro, cedendo lugar a um “retorno da escatologia” e a um *revival* de profecias e visões catastróficas do mundo, em geral invocadas por seitas e religiões milenaristas. A AD adota a teologia milenarista e pré-tribulacionista, segundo a qual os crentes esperam o “Arrebatamento”, quando serão repentinamente tomados para os céus.

Aos que ficarem na Terra, seguirão sete anos de Grande Tribulação, quando a tríade formada pelo Anticristo, a Besta e o Falso Profeta escravizarão toda a humanidade, impondo um governo e uma religião universais, enganando, promovendo a apostasia e exigindo adoração. Estabelecerão uma aliança com Israel, que será rompida no fim dos sete anos, quando os inimigos de Deus se reunirão num vale próximo de Jerusalém conhecido como Armagedom, onde as forças do Bem e do Mal travarão a última e mais sangüinária batalha de todos os tempos, culminando com a expulsão do mal da terra e do estabelecimento de mil anos de paz sob o governo exercido pelo Messias. Segue-se então o Juízo Final que marcará o fim da história da humanidade¹⁴.

Interpretando ao pé da letra as profecias de Daniel e Apocalipse como eventos que ainda irão acontecer, para os adeptos dessa teologia, que aguardam sua retirada de um mundo pagão e pecador, sua estada aqui se justifica apenas para evangelizá-lo e ganhar o maior número possível de almas para a sua fé. Segundo Armstrong (2001), o fundamentalismo é uma atitude que revela um medo de aniquilação, um pavor de extinção iminente, de desterro numa modernidade cujos valores e referenciais de sentido prescindem da religião, relegando-a a esfera privada. Para esse propósito, ela assume aspectos de uma fé combativa que luta pela sobrevivência num mundo que considera

¹⁴ O moderno processo de globalização, pelo desenraizamento cultural que promove e o encontro de diferentes culturas e religiosidades (PACE, 1999, p. 28-29), com ênfase para a difusão de credos de origem orientais têm alavancado, no meio protestante, uma avalanche de livros e sites da internet com conteúdo apocalíptico, cuja linguagem é de tom predominantemente ameaçadora e propaladora da iminente e lancinante cólera de Deus a destruir a humanidade. Na teologia pré-tribulacionista adotada pela CGADB, Deus teria destinado a raça humana para um futuro catastrófico de guerras, dor e sofrimento; por esse motivo não cabe à igreja tentar transformar a realidade social, mas apenas converter as pessoas para que sejam poupadas da vingança divina.

hostil. A sensação de perigo as leva a acreditarem que há uma constante conspiração contra o que entendem por “verdadeira fé”.

O fundamentalismo protestante oriundo dos Estados Unidos transformou o humanismo secular em inimigo mortal. Para combatê-lo, não bastava apenas pregar e aumentar o número de cultos e igrejas, mas era preciso ocupar todos os espaços possíveis na sociedade. Dessa forma, montaram enormes impérios de televisão, imiscuíram-se na educação a fim de defenestrar o ensino da evolução nas escolas, formaram a “Direita Cristã” e a “Maioria Moral” para combater o feminismo, o aborto, o homossexualismo e prezar pela perpetuação da família tradicional cristã. Por isso, para Armstrong (2001, p. 310-311), os fundamentalistas atacam a modernidade não porque sejam perversos, mas porque a sentem como algo que ameaça os valores sagrados que mais estimam e parece “colocar em perigo sua própria existência”.

A Igreja também condena reiteradamente o homossexualismo, visto pela instituição como decadência moral e espiritual extrema, uma “perversão satânica dos instintos sexuais do ser humano¹⁵”. Contra a legalização do casamento gay e do aborto, falam que seria uma “afronta à sociedade cristã brasileira¹⁶”, afirmação paradoxal de uma instituição que combate, no plano teológico, outras formas de Cristianismo, mas os reconhece aqui como legítimos, em se tratando de ingerência religiosa unida contra projetos de leis que vão de encontro a seus interesses. Alegam que os maiores índices de suicídio ocorrem onde o casamento gay é legalizado, como Suíça e Dinamarca. No que diz respeito a pessoas que realizaram cirurgia para mudarem de sexo, a CGADB afirma que “a situação se complica¹⁷”, pois, no caso de se converterem, devem “reconstituir sua identidade original¹⁸”:

Como é difícil, ou talvez impossível outro tratamento para resgatar essa identidade natural, significa que deve assumir a condição de eunuco, pois, embora com aparência física e trejeitos femininos, continuam sendo homem. Como podem viver com outro homem fazendo papel de mulher e em comunhão com a igreja? Isso, além de escandaloso, é repugnante [...] Seria o mesmo que reconhecer a prática homossexual e admitir que a mudança artificial de um sexo para outro invalida o homossexualismo¹⁹.

¹⁵ Disponível em <http://igrejaassembleiadedeus.org/casamento_de_homossexuais.htm> Acesso em 18 nov. 2008

¹⁶ Idem.

¹⁷ Disponível em <<http://igrejaassembleiadedeus.org/homossexualismo.htm>> Acesso em 18 nov. 2008.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Ibidem.

O divórcio é outra questão que se torna preocupante à instituição, haja vista que o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho e a crescente laicização das questões sociais romperam estereótipos seculares de estigmatização da figura feminina, incrementando, entre outras coisas, o número de divórcios nas sociedades industriais contemporâneas, ao que a igreja tenta, a todo custo, se opor:

De uma forma geral, ao crente não é permitido divorciar-se e casar-se outra vez. Deus forneceu diretrizes para o casamento e sua estabilidade e não para o divórcio [...] o divórcio só pode ser legitimado em caso de adultério, ou de casamento misto e, mesmo assim, se a parte incrédula [leia-se: não protestante] exigir, conforme 1 Co. 7.15.

(CPAD, *Lições Bíblicas*, Jovens e adultos, 2º trimestre de 2004, p. 81-82)

A questão da santidade está relacionada principalmente à sexualidade; a igreja insiste que, mesmo no matrimônio, deve ser diferente em relação ao sexo praticado pelos não protestantes, sem dar detalhes do que seria esse “sexo diferente”. Enfatiza-se bastante a abstenção da prostituição (entendida como o sexo antes do casamento) e a prática do sexo extraconjugal.

Segundo Figueira (2007, p. 42), esse tipo de leitura pode tornar-se perigosa na medida em que rejeita o diálogo, “considera como história o que de fato não é” (p. 41), insiste indevidamente no caráter absoluto de toda a Bíblia, negligenciando os interesses dos grupos que a produziram e as reflexões oriundas da exegese dos especialistas, sendo usada mais como manual mágico para obtenção de respostas para problemas momentâneos e emergenciais. Figueira ainda enfatiza que essa interpretação literal leva a comunidade a absorver as tradições patriarcais de seus autores e os condicionamentos sexistas de seu contexto histórico, cuja linguagem foi perpetuada pelas traduções e hermenêuticas masculinas, daí a dificuldade em aceitar as conquistas dos estudos modernos e das mudanças histórico-culturais pelas quais nossa sociedade passou.

Essas representações de mundo voltadas para a desqualificação do mundanismo e de outras religiões são uma forma de o grupo canalizar sua agressividade para os que estão de fora (MARIANO, 2005, p. 116-117). Paralelamente, nenhuma revista da CPAD faz objeções à pobreza, à miséria, à fome, ao desemprego, ao analfabetismo, à exclusão social, à má distribuição de renda e outros problemas sociais, o que mostra que

essas questões não preocupam a instituição como preocupam, por exemplo, algumas igrejas do protestantismo histórico engajadas em projetos sociais. As iniciativas da AD são totalmente voltadas para o proselitismo religioso e a apologética. No tocante à questão social, desenvolve obras de caráter essencialmente assistencialistas.

A leitura fundamentalista da Bíblia operada pela AD está sendo aqui abordada por ser entendida como oposta a uma hermenêutica histórico-crítica, da forma como fora articulada pela academia bíblica alemã nos séculos XIX e XX, que, resumidamente, leva em consideração a dimensão humana e histórica do processo de concepção da Bíblia, compreendendo-a “como qualquer outra obra intelectual humana” (ZABATIERO, 2009, p. 134), não se limitando apenas a rotulá-la como “Palavra de Deus”. Como foi afirmado, o fundamentalismo é exatamente uma reação a essa hermenêutica, militando contra ela até hoje; a apologética é um elemento importante na formação da consciência religiosa dos educandos de Escola Bíblica Dominical da AD.

A leitura fundamentalista promove a supressão da historicidade do texto bíblico, tido como infalível e atemporal, portanto, norteador da conduta individual em qualquer época e lugar, o que explica seu permanente confronto com a ciência, quando seus pressupostos não ratificam a fé do grupo e também com a educação secular e com a legislação, quando a aprovação de leis que legalizam o aborto e o casamento homossexual, por exemplo, são consideradas como “sinais dos tempos” e uma afronta à doutrina imutável e universal da Bíblia, como creem esses grupos. A leitura fundamentalista é acompanhada de uma concepção de mundo milenarista e messiânica.

No Brasil, o protestantismo de missão oriundo especialmente dos Estados Unidos, usou a leitura fundamentalista como forma de desqualificar o tipo de leitura praticada pela Igreja Católica Romana, associando-a à idolatria, cegueira espiritual e ausência de iluminação divina (ZABATIERO, 2009, p. 139). Nesse tipo particular de protestantismo, a conversão também simboliza o abandono do estado de ignorância, caracterizada pela idolatria do romanismo e práticas morais reprováveis aos olhos desses missionários.

A conversão também representa a adesão à doutrina correta e adequação do indivíduo à moralidade cristã tradicional, a reprodução dentro do casamento, a obediência às leis, o que implica integridade e valorização do trabalho. Contudo, diferentemente dos Estados Unidos, onde a doutrina do “Destino Manifesto” transformou a prosperidade econômica em ideologia nacional, no Brasil, a noção de

valorização do trabalho trazida por esses missionários enfatizava mudanças individuais, “sem preocupação imediata com as questões macro-estruturais, que seriam resolvidas messianicamente” (ZABATIERO, 2009, p. 140). O fato de a AD ter sido fundada por suecos vindos dos Estados Unidos, mas com uma visão religiosa diferente deles, influenciou na ênfase mais voltada ao aspecto messiânico da instituição do que uma concepção sócio-econômica, já que, conforme abordado no capítulo anterior, esses fundadores tinham origem social simples e eram perseguidos pela religião de Estado, modelo de religião da qual permaneceram afastados até o fim de suas vidas.

Assim, por considerar o texto bíblico como mensagem direta de Deus para quem o lê, o culto assembleiano forma uma comunidade de leitores, onde a leitura coletiva operada nesses momentos leva os fiéis a se colocarem no lugar dos personagens bíblicos, interagindo com eles e participando de um mesmo processo, que caminha para um desfecho escatológico e messiânico de triunfo definitivo do bem sobre o mal.

Nessa teologia, tudo o que é qualificado como “mundanismo” representa uma etapa no processo de consumação dos séculos, cumprimentos de profecias, recrudescimento da apostasia, sinais inequívocos da segunda vinda de Cristo. Desse modo, permanecer na comunidade de fiéis é a melhor forma de manter-se separado de uma sociedade corrompida, permissiva e narcisista que sofrerá a cataclísmica ira de Deus e a derrocada de seu modo de vida liberal. Numa religião messiânica, os valores sociais seculares não são aceitos por serem lábeis, a adesão a eles ou sua simples aceitação passiva implicaria a não entrada no esperado Reino de Deus, onde apenas os membros de uma determinada profissão de fé, aqueles que se converteram, isto é, que mudaram de religião, poderão entrar.

Para um observador externo, portanto, tal forma de lidar com a alteridade pode caracterizar intolerância, mas para o conjunto dos fiéis, a defesa de valores absolutos e inegociáveis está relacionada à crença de deter a portabilidade da única verdade do universo. Por isso, o pentecostalismo se caracteriza por fornecer uma alternativa cultural às angústias e incertezas geradas pela pós-modernidade, fornecendo ao fiel um estilo alternativo, cuja segurança e praticidade se tornam os pilares norteadores de condução de vida desses sujeitos históricos. Nesse caso, o fundamentalismo “tornou-se uma resposta ao sentimento de solidão e de abandono que os indivíduos teriam perante a infinidade de opções e estilos de vida” (BELLOTTI, 2009, p. 271).

Desse modo, analisar as peculiaridades da leitura de mundo e da Bíblia adotadas pela Assembleia de Deus, permite compreender a aplicação do conceito de representações aqui evocado a esse objeto de estudo, na medida em que podemos verificar a forma como o grupo estabelece suas relações com a realidade, apreendendo-a e intervindo nela, pois essa leitura representa a internalização de uma linguagem instituída, que configura seus modos de pensar, agir e sentir, hierarquizando suas relações recíprocas, integrando e norteando sua existência social.

Considerações Finais

A leitura da Bíblia promovida pela Assembleia de Deus no Brasil se caracteriza pelo fundamentalismo e rejeição de aspectos da modernidade que a instituição sente ameaçarem sua integridade doutrinária. Por isso, há fechamento identitário na medida em a AD que retira a legitimidade do discurso da alteridade, rejeita o diálogo inter-religioso e assume uma postura combativa a toda teologia liberal e visão de mundo secular.

Decididos a reconstituir uma fé original e apoiada numa interpretação literal da Bíblia, a Assembleia de Deus abraçou o fundamentalismo. Trata-se, de uma atitude paradoxal que, ao mesmo tempo em que concede aos indivíduos melhoria da auto-estima e autonomia sobre antigos vícios, dando-lhe liberdade de pronunciamento nos cultos e igualdade perante os outros irmãos na fé, também os submete ao controle de uma rígida doutrina, elaborada e imposta por um corpo de teólogos especializados e os conduz a uma concepção de mundo fechada, centrada nos valores da comunidade religiosa, que, por considerarem ser de inspiração bíblica, são considerados como os únicos aceitáveis.

O fundamentalismo constitui o que Karen Armstrong (2001, p. 112) chama de “solução sedutora, quando sua sociedade está passando pelo difícil processo de modernização”, ou seja, consiste numa alternativa e numa reação à diluição de antigos laços de convivência e de um modo de condução da vida por meio de uma identidade religiosa.

Buscou-se mostrar como a Assembleia de Deus está em pugna com elementos da modernidade, que seus líderes interpretam como antagônicos à ética cristã tradicional, como o aborto, a eutanásia, o homossexualismo, o aumento dos divórcios, a

emancipação da mulher, o ensino do darwinismo nas escolas, do materialismo e o crescimento (ainda reduzido no Brasil) do ateísmo e de filosofias de vida não-religiosas, como consequência do avanço do secularismo.

O pentecostalismo usa a modernidade e a globalização para difundir-se, mas nega seus valores. Desse modo, estabelece uma interação conflituosa com ela. Assim, ao invés de obstaculizar a modernidade, amiúde o pentecostalismo a acelera, até mesmo quando tentar moldar um mundo diferente, o que já constitui uma noção moderna.

Referências

ARMSTRONG, Karen. **Em Nome de Deus: o fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMPOS, Breno Martins. Sacerdócio Fundamentalista na Modernidade Líquida. In: FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). **Novas Perspectivas Sobre o Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002a.

_____. **À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietude**. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 2002b.

DREHER, Martin N. **As Muitas Faces do Pentecostalismo**. Fragmentos de Cultura. Goiânia: Editora da UCG, v. 16, n. 3/4, p. 187-207, mar./abr. 2006.

FIGUEIRA, José Ângelo. **A Leitura Popular da Bíblia em Imperatriz**. Imperatriz, MA: Ética, 2007.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIÇÕES Bíblicas. Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: CPAD, 3º Trimestre de 1998.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 4º Trimestre de 1998.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 1º Trimestre de 2000.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 3º Trimestre de 2002.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 2º Trimestre de 2004.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 4º Trimestre de 2004.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 4º Trimestre de 2005.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 4º Trimestre de 2006.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 2º Trimestre de 2007.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 3º Trimestre de 2008.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 4º Trimestre de 2008.

_____. **Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: CPAD, 2º Trimestre de 2009.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2008.

PACE, Enzo. Religião e Globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (orgs.). **Globalização e Religião.** 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PIERUCCI, Antonio Flavio. Estado Laico, Fundamentalismo e Busca da Verdade. In: BATISTA, Carla; MAIA, Mônica (orgs.). **Estado Laico e Liberdades Democráticas.** Recife: Articulação de Mulheres Brasileiras/ Rede Nacional Feminista de Saúde/ SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2006. Disponível em: http://www.mujiresdelsur.org.uy/documentos/estado_laico_2.pdf >. Acesso em 01 maio 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ZABATIERO, João Paulo Tavares. Hermenêutica Protestante no Brasil. In: FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). **Novas Perspectivas Sobre o Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.